



## **Lombadas eletrônicas: Quem está levando?**

Alexandre Santos

Crítica ao número excessivo de lombadas eletrônicas nas estradas brasileiras.

Tem alguma coisa muito errada por aí. Na maior parte das estradas de trânsito rápido, em pontos onde deveria haver passarelas, redutores de velocidade ou, simplesmente, nada, de vez em quando aparece uma 'lombada eletrônica' - geringonça tecnológica que, há muito tempo, com ridícula contribuição para o gerenciamento do trânsito e redução do índice de acidentes, vem espoliando os motoristas brasileiros, num golpe que, segundo valores levantados ano passado, ultrapassa R\$ 2 bilhões anuais.

Muitas vezes desdenhando soluções mais simples e eficazes, e, aparentemente, sem levar em conta índices de acidentes, volumes de tráfego, condições da via, velocidades médias, expectativas dos usuários, níveis de serviço, etc. as lombadas eletrônicas são espalhadas pelas principais vias, estabelecendo limites de velocidade incompatíveis com as condições da rodovia e com a tecnologia automobilística, itens que, por si só, induzem os condutores 'ao erro' e, portanto, às multas. Estradas projetadas para velocidades operacionais bem acima dos 120 km/h recebem lombadas que, de repente, exigem reduções para 60 km/h ou 50 km/h - uma frenagem que, sem oferecer ganhos significativos de segurança, aumentam o consumo de combustível e, na prática, reduzem o nível de serviço das vias.

A ironia do sistema é que, ao contrário das marcantes ranhuras na pavimentação, a presença da lombada altera o cenário psicológico do condutor que, com a atenção concentrada em reduzir a velocidade para atender os limites permitidos, ao invés de cuidar do pedestre passa a cuidar do velocímetro e termina por acossá-los ou, mesmo, atropelá-los.

No fundo, sem que as autoridades tomem qualquer providência (até porque, por ação ou omissão, são cúmplices), as 'lombadas eletrônicas' funcionam especialmente como fontes adicionais de receita, em clássico caso de esbulho oficial e, nos termos das famosas e famigeradas cláusulas de produtividade e remuneração (quanto mais multam, mais ganham), e caça-níqueis das empresas que as instalam e operam. Não foi por acaso que, há tempos, falou-se em 'máfia da lombada eletrônica'. Se os contribuintes se perguntarem sobre o destino da receita das multas talvez passem a compreender as acusações.

(\*) Alexandre Santos é presidente do Clube de Engenharia de Pernambuco.

Artigo publicado pelo Diário de Pernambuco, Recife, em 26 de janeiro de 2012